

DOI: 10.46943/IX.CONEDU.2023.GT07.016

PARA UMA EDUCAÇÃO PROBLEMATIZADORA: DISCUTINDO QUESTÕES DE GÊNERO NOS CURRÍCULOS ESCOLARES

AZURE FLORA

Graduando do Curso de XXXXX da Universidade Federal - UF, autorprincipal@email.com;

GABRIELLE LUZ BRASIL SILVA

Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Comunicação e Cultura na Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, gabriellebrs1@gmail.com;

RESUMO

É percebido o avanço das narrativas discursivas sobre gênero nas escolas devido às diversas violências experimentadas dentro e fora desse espaço. Entendemos que esta questão pode ser superada com o auxílio exponencial das redes digitais a partir do resgate epistemológico de novas estratégias que reestruturem as bases sociais de classe, raça e gênero e acelerem o acesso de educadores e estudantes a produções científicas que possibilitem a transformação do ensino. Este artigo propõe uma análise crítica acerca do desenvolvimento da diversidade por meio das redes digitais e discute quais os impactos destes nos ambientes escolares. O texto também contempla o crescimento da comunidade LGBTQIANP+, qual a influência das redes sociais neste processo e como o currículo pode adaptar-se a essa nova realidade.

Palavras-chave: Escola; gênero; redes digitais; currículo; LGBTQIANP+.

INTRODUÇÃO

Como sou infeliz
no meu descaminho
diz que estou sozinho
e sem saber de mim
(Desalento, Chico Buarque)

A interação social é um dos movimentos mais importantes para a construção do conhecimento. Porém, o não se enxergar enquanto pertencente ao espaço faz com que muitas pessoas se sintam excluídas não só de um determinado grupo, mas também da sociedade de forma geral, visto que para muitas crianças e jovens, a escola é o único espaço de troca com outras pessoas que não sejam seus familiares. Chico Buarque na música “Desalento” traz o conceito de “descaminho”, ou seja, um caminho contrário do esperado, onde o sujeito se enxerga infeliz, sozinho e longe do seu “eu”, assim trazendo uma abordagem social e emocional.

No contexto atual, existem diferentes discussões sobre as questões de gênero dentro e fora do espaço escolar. Com o advento da internet, o processo de comunicação vem ocorrendo de forma cada vez mais rápida e atingindo diferentes camadas da sociedade. Logo, o controle das informações, dentro desse cenário de aceleração torna-se inviável.

O presente trabalho tem por objetivo analisar a importância de uma educação problematizadora, especialmente no contexto educacional brasileiro, onde a violência sexual infantil e as opressões relacionadas a gênero, raça e orientação sexual persistem. Tal análise considera a intersecção entre questões de identidade, o papel da cibercultura na amplificação dessas discussões e a contribuição das tecnologias digitais para a educação crítica.

Tendo em vista a necessidade de uma preparação cidadã dos alunos e alunas para além de trocas conteudistas, surge a necessidade de trazer os diferentes assuntos que permeiam tal temática para a proposta curricular das instituições escolares. Assim, propondo discussões e reflexões que possam desenvolver uma análise crítica, afastando-os de um pseudo conservadorismo que está diretamente ligado às questões de poder e o cerceamento de direitos.

A partir de um olhar crítico sobre o sistema educacional, o texto enfatiza a importância de ressignificar o papel da escola na construção da cidadania, indo

além das abordagens tradicionais e autoritárias. A obra de Paulo Freire é destacada ao longo do texto, visando trazer reflexões sobre um ensino que transcende a mera transmissão de conteúdo, propondo uma educação libertadora e problematizadora. Freire também salienta a necessidade de compreender a diversidade cultural, étnica e de classe, impulsionando a reflexão sobre as práticas educativas.

Partindo da perspectiva que os estudantes contemporâneos são nativos digitais, surge a necessidade de um debate sobre os usos e desusos das tecnologias digitais como ferramenta de ensino. Isso ocorre, pois além do fato dos professores utilizarem ou não os dispositivos digitais em suas aulas, os estudantes seguem aprendendo, de diferentes formas, novos conteúdos e ideias dentro do ciberespaço.

Logo, a escola precisa permear a importância de um olhar crítico e atento para as informações que os atravessam no digital em rede. Ou seja, auxiliar na construção de um sujeito que possa analisar as ideias sem tê-las como verdades absolutas. Para isso, o modelo de sala de aula também precisa mudar, trazendo a importância da colaboração, dos diferentes olhares, perspectivas e contextos em debates diversos. Tal movimentação visa alertar sobre a necessidade de uma abordagem reflexiva que não se limite à superficialidade das ideias transmitidas dentro e fora das redes sociais.

O presente trabalho possui como metodologia de pesquisa um estudo bibliográfico, onde foram analisados cerca de 60 textos, dentre eles, revistas, artigos, monografias e dissertações sobre a temática.

Sendo assim, visando atender tal perspectiva, primeiramente foram realizados 4 etapas:

1. Identificação das fontes bibliográficas, coleta, criação do banco de dados no software End.Note.X7, análise da coleta, extração das pesquisas fora de contexto, seleção dos trabalhos com maior ligação com as questões propostas para o estudo e definição dos artigos considerados ponto-chave, a partir da leitura dos seus resumos para a presente pesquisa;
2. Análise dos textos selecionados através do mapa conceitual e aprofundamento dos principais conceitos abordados ao longo dos materiais;
3. Escrita do trabalho através dos resultados dos processos citados anteriormente.

Tais levantamentos elucidaram a presente pesquisa acerca das discussões sobre gênero na educação, onde pôde-se observar os desafios na proposta de uma educação problematizadora, mesmo com os avanços tecnológicos ocorridos nas últimas décadas, tendo em vista as complexidades e possibilidades causadas pela cibercultura.

Assim, trazendo a importância de uma educação que seja de fato para todos, por meio de uma escuta e olhar sensível para os diferentes contextos e particularidades dos sujeitos que ali estão, pois é por meio de uma proposta multicultural que ocorre a construção e aprofundamento de conhecimentos não superficiais.

METODOLOGIA

O presente trabalho foi desenvolvido por meio da metodologia de pesquisa bibliográfica. Tal escolha é justificada, pois de acordo com Boccato (2006), a pesquisa bibliográfica fornece as bases necessárias para o conhecimento do assunto pesquisado, como e a partir de que perspectivas o assunto em questão foi apresentado nas contribuições científicas. Logo, surge a necessidade de que haja um planejamento sistemático da pesquisa "compreendendo desde a definição temática, passando pela construção lógica do trabalho até a decisão da sua forma de comunicação e divulgação" (Boccato, 2006, p. 266).

Segundo Moreira (2012) mapas conceituais foram desenvolvidos para promover a aprendizagem significativa. O autor ressalta ainda que na aprendizagem significativa o novo conhecimento nunca é internalizado de maneira literal, porque no momento em que passa a ter significado para o aprendiz entra em cena o componente idiossincrático da significação (MOREIRA, 2012, p.06).

A construção do mapa conceitual foi desenvolvida em:

1. Referência bibliográfica – a referência do texto que está sendo mapeado, visando sua identificação a facilitação para construção do material referencial da pesquisa;
2. Conceito de gênero- visando compreender o que os diferentes pesquisadores compreendem enquanto gênero dentro do âmbito educacional;
3. Contribuição/impactos das tecnologias na educação – essa categoria foi criada buscando trazer diferentes concepções dos autores sobre como

eles enxergam as contribuições ou impactos dos dispositivos digitais nos debates sobre gênero

4. Citações diretas – essa parte do mapa conceitual, visa pontuar trechos das pesquisas que possam trazer informações ou conceitos diversos que sejam interessantes para o tema da pesquisa que está sendo desenvolvida.
5. Identificação dos pesquisadores – por último, mas não menos importante, a identificação de quem desenvolve o mapa conceitual é fundamental, pois como foi dito anteriormente cada mapa é construído através das perspectivas e olhar de quem o elabora.

Sendo assim, pode-se perceber que o mapa conceitual é uma metodologia de estudo que auxilia no desenvolvimento de uma análise, buscando aprofundar aquilo que é abordado. Além disso, um fator importante de sua criação é poder revisar de uma forma mais dinâmica e rápida o que o autor disse naquele estudo sem precisar fazer uma nova revisão de literatura de um texto já estudado.

Neste panorama, buscou-se apresentar detalhadamente os processos desenvolvidos para a elaboração dessa pesquisa que auxiliaram para uma análise crítica dos objetivos citados para nortear o estudo. Após a compreensão de como todo o estudo ocorreu, a seguir será iniciada a discussão mais profunda sobre “Gênero, Redes e Escola” que tem como objetivo principal relacionar as questões de gênero, suas relações ou não relações com o espaço escolar na sociedade contemporânea.

GÊNERO, REDES E ESCOLA

Podemos considerar que ainda é embrionário o processo da escola se tornar palco de discussões sobre gênero e sexualidade. Apesar de ser necessário o avanço dessa narrativa, devemos considerar o desencadeamento histórico-socioespacial que resultou em algumas afirmativas conservadoras a respeito deste tema e que expressam a manutenção dos dispositivos de poder (FOUCAULT, 1979) instaurados dentro da instituição escolar.

Sempre que nos indagados acerca do porquê da necessária utilização do ensino de gênero e sexualidade nas escolas, uma parte dos educadores progressistas se apegam à justificativa de que a aprendizagem possibilitará a redução de casos de abusos sexuais infantis dentro e fora dos espaços educacionais, sendo

esta uma das consequências positivas do engajamento nessas discussões. Entretanto, apesar de ser de extrema relevância diminuir as taxas exorbitantes de abuso infantil - pois no Brasil são mais de 180 mil crianças vítimas de abuso sexual anualmente e 76,5% dos estupros acontecem dentro de casa (TEMER, 2022) - para além dessa possível diminuição é necessário ambicionar outros horizontes que não legitimem a ordem, mas sim, possam subvertê-la, discutindo a materialidade concreta e os porquês de mazelas como esta afetarem tanto nosso país.

Dentro das escolas, não é de hoje que se observa a existência de projetos de homogeneização dos sujeitos que de alguma forma rompiam com a normativa social, estrutural e estética (ARENDET, 2012).

Pessoas PCDS (Pessoa com Deficiência), pretas, indígenas, amarelas, gordas, lésbicas, gays, bissexuais, crianças transviadas, não binárias de alguma forma não se sentiam pertencentes ao todo, como se não se encaixassem no espaço que foram designadas a ficar (FOUCAULT, 1979). A partir do entrelugar, ou seja, de um arranjo espacial que se caracteriza como fronteira, que não separa, mas aproxima, existe uma busca por representatividade em outras redes (LEAL, 2017). E, no que tange à elaboração de uma inteligência coletiva, se observa o atravessamento que a cibercultura passou a ter neste processo, principalmente a partir dos anos de 1990 (LEMOS, 2002, LÉVY, 2001). Seu território não era mais uma limitação a partir deste contato, mas sim uma potência de não ser mais refém de sua localidade, sendo assim, a imagem dominante da rede de Castells (1999) se apresenta como uma nova figura do poder, algo que se disseminou na América Latina, como ilustra o trecho a seguir:

A rede é um padrão organizacional que prima pela flexibilidade e pelo dinamismo de sua estrutura; pela democracia e descentralização na tomada de decisão; pelo alto grau de autonomia de seus membros; pela horizontalidade das relações entre seus elementos. [...] a rede opera por meio de um processo de radical desconcentração de poder. (CASTELLS, 2003).

É justamente essa descentralização do poder que possibilitou o avanço dessa corrente identitária que acabou por negar as produções antissistêmicas feministas produzidas desde os anos de 1960, que tinham como intenção o não empoderamento da família, mas sim, o fim da mesma (LEAL, 2017), visto a sua influência na construção social de todas as opressões que serão pontuadas neste artigo.

O feminismo foi sendo extremamente retraído ao eixo externo da instituição familiar, ou seja, tanto as relações radicalizadas, LGBTQIANP+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queers, Intersexos e Assexuais, Pansexuais e demais possibilidades de orientações sexuais ou identidades de gênero) e no tocante à prostituição não foram alvo do debate até o resgate das epistemologias decoloniais (PEREIRA, 2012).

Vislumbrar o fim da organização familiar não quer dizer romper com as vinculações de autocuidado e de afeto, mas produzir uma nova estratégia política decolonial exige entender que nosso processo político econômico internacional é de reorganização da divisão do trabalho, onde o Brasil ocupa cada vez mais o lugar de produtor agropecuário para exportação, possibilitando uma retomada intensa das relações coloniais e intensificando também a racialização. O que se atrela ao que vem sendo demonstrado ainda de maneira mais cruel nos últimos anos, nos quais as mulheres negras são as principais vítimas de feminicídio no Brasil, fruto do histórico colonial escravagista: elas representam mais 67% dos casos notificados em 2020, dos quais 61% são de mulheres pardas e 6% pretas, como mostram dados levantados (TEMER, 2022).

Tal argumentação só pode ser compreendida a partir do entendimento lógico da sistematização da categoria gênero diante a força de trabalho que cada sujeito desempenha, o qual diretamente produz a masculinidade tóxica. Masculinidade criminosa e capitalista, que agride, violenta e tira a potência de vida de diversas pessoas. Esta mesma que começa a ser construída na primeira infância, tendo a escola papel fundamental no sentido de ressignificar tais reproduções de violência identitária.

Compreender a função estruturante da família e este sentido concretamente violento nos faz enxergar que quem está neste polo externo a esta instituição irá ter essa violência se expressando em suas necessidades sociais. Para melhor percepção, foram justamente as lutas nos EUA de mulheres negras pelo direito à maternidade, com a intenção de que o Estado pudesse pagar pelo seu trabalho reprodutivo, que inauguraram a narrativa de que ele se caracteriza enquanto ofício, a partir de uma perspectiva política que apontava para epílogo da família (DAVIS, 2016).

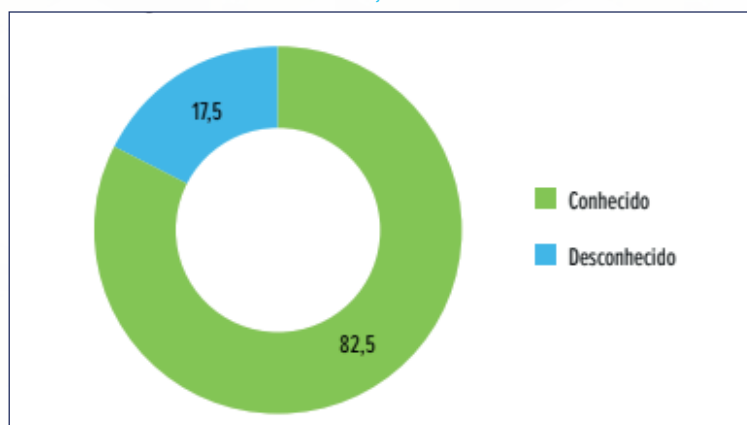
Apesar de ser indispensável o acesso às redes, a fuga por outras perspectivas para além da escola minimizou os desdobramentos das estratégias políticas,

esvaziando a pauta, focando apenas em uma ação paliativa para superação dessas violências.

Um exemplo prático foi a inserção de banheiros sem gênero nas escolas. Como resolver essa problemática sem pensar no fator temporalidade? Como superar 4000 anos de exploração misógina e patriarcal de subjugação do corpo feminino em algumas décadas? De que jeito superar o abuso infantil sendo que na maioria dos casos a vítima conhece seu agressor?

Geralmente alguém da própria família (TEMER, 2022), como demonstra o gráfico:

Gráfico 1 - Relação vítima e autor



Fonte: Anuário de Segurança Pública 2020

Estas entre outras situações demonstram a complexidade do tema, mas não invalidam de nenhuma forma a contribuição que tecnologias digitais terão possivelmente para a temática. Contudo, apesar da possibilidade democrática de inserção desses jovens dentro de um universo que espelham outros iguais, a cultura da diversidade dentro das redes sociais ainda está calcada no pensamento neoliberal transmitido através da semiótica "*pop*", que por sua vez não permite a vazão de discussões mais profundas dentro da própria comunidade (LEAL, 2017). De que forma o pensamento crítico vai competir com o *feat* da cantora Beyoncé e Lady Gaga? Com a tatuagem da Anitta? Com a separação da Shakira?

Pode se observar essa realidade dita por Aziz Ab'Saber (CONGRESSO GALEGO-PORTUGUÊS DE GEOGRAFIA, 2001), de que para conseguir dominar e dar continuidade à exploração de nosso território, as culturas hegemônicas não mais

nos enviam tanques de guerra, armamento bélico para repressão, mas sim “patrocinam a turnê da Madonna o que é muito mais rentável e funciona da mesma forma (p.13)”

Pode parecer eufemista, mas a cultura “pop” realmente se faz presente na comunidade LGBTQIANP+, principalmente sendo potencializada pelo digital online. Ela viu este coletivo como oportunidade de nicho de mercado, sendo uma das principais responsáveis pela romantização errônea da docilização dos corpos, reproduzindo o ideal da cisheteronormatividade (MATTOS, 2020). Algo que induz à ideia de que para as pessoas não sofrerem as violências aqui citadas, elas devem ser iguais a seus agressores.

É necessário resgatar o entendimento de que o desenvolvimento dessas redes na internet teve sua origem na necessidade dos bancos sistematizarem e automatizarem as prestações de serviços, ou seja, a partir de uma lógica liberal informacional de mercado. Não é à toa que estamos em 2023 e mais de 20 milhões de brasileiros não têm acesso à Internet (CENTRO REGIONAL DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO, 2019). Percebemos então a necessidade de um ensino que seja crítico, bem como a identificação do educador enquanto responsável por fazer com que os alunos entendam que o conhecimento deve ser adquirido por meio da aplicação crítica nas relações sociais (FREIRE, 1996).

Acerca do ensino crítico utilizando tecnologias digitais, de acordo com Ernandes Faria (2009):

El término lo utiliza Inés Bebea (2016) en su Guía de Alfabetización Digital Crítica y se refiere a la comprensión de la tecnología desde una mirada reflexivo-crítica. I Vila, J. J. (2016) reconoce que la nueva alfabetización es la competencia digital. Se ha experimentado en los últimos años una aceptación e inclusión de las TIC en el entorno educativo siendo una alfabetización digital crítica como reflexiona Buckingham (HODGES, 2020, p.27).

Para autores como Paulo Freire (1996) a educação libertadora se dará através de um ensino problematizador, não trazendo certezas ou verdades acabadas, mas sim, levantando problemas e provocando conflitos que sejam transformadores (CARVALHO, 1999). O diálogo é um instrumento que fará com que se possa descobrir essa educação problematizadora e trará a possibilidade de criação de conteúdos para o processo educativo, uma vez que não representa algo pronto, mas sim algo produzido em grupo, respeitando a identidade de cada indivíduo.

Segundo Freire, a educação bancária desumaniza o homem, não o faz ser mais, por ser um tipo domesticado. Sua pedagogia sugere o desenvolvimento de uma educação libertadora de amarras que nem sempre são bem-vistas (FREIRE, 1985).

A virtualização dos sistemas educativos, que hoje se encontra tão presente nas instituições escolares, pressupõe a mudança dos seus modelos e práticas o que “obriga o professor a assumir novos papéis, a comunicar de uma forma a que não está habituado” (SALMON, 2000, p.88). Os docentes são percebidos como responsáveis por acompanhar, motivar, dialogar, serem líderes e mediadores, incentivando e mediando interações interpessoais positivas (NUNES, 2006).

O pensamento de Paulo Freire rompe relações rígidas de dominação, busca pensar as verdades internas do universo do estudante, as mesmas que na maioria das vezes são positivas para criar uma prática docente que leve em conta a linguagem e a história do corpo coletivo, não de negação da realidade, mas sim de empoderamento da mesma. Além disso, o autor diz que: “esta é a esperança que nos motiva” (FREIRE, 1996, p. 76). Para resolver problemas tão complexos, somos compelidos a exercitar o pensamento crítico para solucionar tais demandas de forma que contemplem as necessidades de uma reestruturação sociopolítica.

Crianças e jovens estão cada vez mais conectados por estas redes que representam um risco potencial para diversas violências. A partir do entendimento que a conexão pela internet é uma realidade, precisamos falar com as crianças e os adolescentes sobre seus perigos e riscos (TEMER, 2022). De novo, a escola tem um papel fundamental. Muitas vezes os pais não estão preparados para esta conversa, mas a escola tem que estar. Escolas públicas e privadas, pois crianças e adolescentes de todas as classes sociais estão sujeitos a estes crimes contra suas existências (p.11).

3. PAULO FREIRE E A PROBLEMATIZAÇÃO

No livro “Quem precisa de identidade?”, redigido por Stuart Hall (2008), sociólogo britânico-jamaicano, identificamos a seguinte percepção:

Na linguagem do senso comum a identificação é construída a partir do reconhecimento de alguma origem em comum, ou de características que são partilhadas, com outros grupos e pessoas, mas ainda partem de um mesmo ideal. É em cima dessa fundação que ocorre o natural

fechamento que forma a base da solidariedade e da fidelidade do grupo em questão (HALL, 2000, p.107).

Porém esse processo de identificação se tornou turvo devido a todas as influências citadas aqui dentro e fora das redes digitais. Na prática, entendemos que é justamente a instantaneidade dessas redes que podem propiciar uma vantagem no processo de superação dessas e demais questões de gênero.

A pandemia do novo coronavírus acabou por acelerar os processos sociais que já estavam em curso, como consta na obra *Armas, Germes e Aço* (DIAMOND, 1997), que demonstra a total familiaridade com a rapidez já disponível dentro das tecnologias digitais. O vírus que levaria pelo menos uma década no século passado para ser superado, demorou menos de 3 anos para ser contido.

De acordo com ex-CEO da Google, Eric Schmidt (EXAME, 2021): "a cada dois dias, geramos um volume de dados equivalente ao que criamos do início da civilização até 2003". Isso significa que os educadores terão de lidar com o dilema da atualização constante das contribuições científicas a respeito da diversidade e demais temas, questionando intrinsecamente suas próprias posturas violentas, pois novos horizontes estão sendo iluminados e precisam da nossa apreensão.

É percebida então uma enorme potência que, se não utilizada de maneira vertical, agregará com outras referências de relações parentais se encaminhando para o dia que não caiba apenas a escola educar, mas sim todos os responsáveis pelo desenvolvimento deste indivíduo. Se nem a escola e nem o arranjo familiar educarem, as reproduções continuarão e essa educação será advinda de outros espaços.

A partir da demanda das informações para melhorar sua integração com o alunado é imprescindível a produção de trabalhos científicos que abarquem a temática para que os resultados possam auxiliar na construção de políticas públicas educacionais afirmativas que minimizem os impactos dessas desigualdades (Idem, 2020).

É necessário que a escola cumpra seu papel de atuar com uma ferramenta que possa propiciar o desenvolvimento da cidadania (VELLOSO, THIAGO, SILVA, 2021). Mediar esse aprendizado não é uma tarefa fácil, no entanto não cabe sermos somente técnicos, nem tão somente afetivos. Para Freire (1996), ensinar é uma tarefa que exige mediar o conhecimento levando em conta os aspectos sociais, emocionais e intelectuais de cada aluno, trabalhando de forma significativa para a construção ao mesmo tempo do caráter e do conhecimento, onde se tratam de aspectos tanto do ambiente escolar quanto fora dele.

Os professores têm cada vez mais a necessidade de pesquisar e desenvolver métodos de ensino mais inovadores. “O que está no mundo hoje não deve ser interpretado como eterno ou imutável” (MACEDO, 2020, p.19) Mas, para que isso se torne realidade, é preciso que educadores entrem nessa problemática, integrando suas propostas de ensino, uma vez que professores e alunos são sujeitos do processo de criação do conhecimento (Idem, 2020). Afinal, podemos observar, através desta obra, que Paulo Freire provou que é possível educar para responder aos desafios da sociedade, sendo a educação desta forma um instrumento de transformação global do homem e da sociedade, tendo como essência a dialogicidade (PARREIRAS, MACEDO, 2010).

Deve-se entender que não se trata de petrificar as obras de Paulo Freire, mesmo os métodos que ele cunhou nos anos 1960 e revisou nos anos 1990, pois educação também é história (MACEDO, 2020). A questão central é apreender a concepção de educação na qual se fundamenta. Não há uma teoria do conhecimento e um método que não se contentem com ideias. adentrem a essa educação problematizadora, consolide sua proposta pedagógica partindo do ponto de que educador e educando são sujeitos do processo de construção de conhecimentos mediatizados pelo mundo (PARREIRAS, MACEDO, 2020).

Freire (1996) destaca que há um outro aprendizado demasiado importante, mas ao mesmo, tempo demasiadamente difícil de ser feito. Ele refere-se ao aprendizado de que a compreensão crítica das chamadas minorias culturais não se esgota nas questões de raça e de sexo, mas demanda também a compreensão do corte de classe. Em outras palavras, além da cor da pele, da diferenciação sexual, há também a cor da ideologia (PARREIRAS, MACEDO 2020).

A multiculturalidade, para o autor, não se constitui na justaposição de culturas, muito menos no poder exacerbado de uma sobre as outras, mas na liberdade conquistada, sem medo de ser diferente, de ser cada um ‘para si’, somente como se faz possível crescerem juntas. Freire, relata também uma outra jornada com momentos marcantes: a sua primeira visita ao Caribe, com um programa de encontros e debates em várias ilhas, o que permitiu ao autor perceber o quanto estava distante da vida concreta, do cotidiano de camponeses e camponesas.

Como escreveu Freire, até que isso aconteça, não há dúvida de que à realidade, à política, à sociedade e às escolas parecerá difícil superar uma consciência irracional e o senso comum. Sair do fingimento e das garantias e entrar no emaranhado da dúvida, do questionamento constante e da busca incansável sempre será

difícil e, para muitos, pode significar uma espécie de loucura. No entanto, deve-se saber que um profissional, no momento presente, e todos, principalmente um professor, não pode ficar à margem da história, esperando que ela aconteça, sem intervir. Por fim, Paulo Freire (1996, p.43) diz que “ensinar requer compreender que a educação é uma forma de intervir no mundo”.

O pensamento de Paulo Freire rompe relações rígidas de dominação, busca pensar as verdades internas do universo do aluno para criar uma prática docente que leve em conta a linguagem e a história do corpo coletivo. Além disso, o autor nos diz que: “esta é a esperança que nos motiva” (p. 76).

O autor destaca que os professores progressistas precisam acompanhar o sonho da democracia, respeitar os alunos e nunca os maltratar, mas levá-los a aprender descobrindo a razão das coisas ou conteúdos, empregar a disciplina da mente crítica, que, segundo Freire, se constrói a partir do berçário.

Infelizmente, a forma atual de ensino acaba por limitar a capacidade de fazer perguntas (LIMA, 2016). Freire e Faundez (1985) nos dizem que o professor autoritário tem mais medo da resposta do que da pergunta, ou seja, tem medo da resposta que deve dar:

Um educador que não castra a curiosidade do educando, que se insere no movimento interno do ato de conhecer, jamais desrespeita pergunta alguma. Porque, mesmo quando a pergunta para ele, possa parecer ingênua, mal formulada, nem sempre é para quem a fez. Em tal caso, o papel do educador, longe de ser o de ironizar o educando, é ajudá-lo a refazer, fazendo melhor a pergunta (FREIRE, FAUNDEZ, 1985, p. 25).

Dessa forma, podemos perceber que os professores não devem impedir que os alunos expressem seus sentimentos, mas sim dar oportunidades para que os alunos obtenham mais informações (LIMA, 2016). Embora não seja uma questão bem formulada, o trabalho do professor será ajudar o aluno a reformular a questão como tal, pois o professor pode perceber que quando está ensinando também está estudando (Idem, 2016).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, percebemos a importância da criação de um clima de respeito mútuo e disciplina saudável entre a autoridade do professor e a liberdade dos

alunos, “despertando a alegria, o desejo e a esperança de estar no mundo, não para se adaptar, mas para promover a mudança” (FREIRE, 1992, p.35).

A dificuldade desta tarefa é inegável, além da dificuldade, exige paciência e sobretudo a prontidão, compreensão, compatibilidade, segurança e habilidade de quem vai dar a explicação (FREIRE, 1992). Pois nos deparamos com o seguinte: se de um lado, não podemos aceitar o senso comum, de outro lado, não podemos chegar como donos da verdade e simplesmente cuspir arrogantemente o nosso saber como o único caminho a ser seguido, até mesmo porque a atitude de algumas pessoas é resistente (FREIRE, 1992).

De acordo com essa linha de pensamento, para que a qualidade da educação no Brasil melhore, é importante que tenhamos alunos ativos, criativos, insaciáveis e com vontade de aprender, pois isso faz com que os professores desistam do conservadorismo e passem a adotar uma visão de futuro ou atitude crítica em sua abordagem (MACEDO, 2019).

Isto posto, nos faz refletir que a abundância de informação não é formação e para que consigamos seguir para a ponte da transformação é necessário aos educadores olharem com profundidade tais demandas, exercitando sempre seu olhar de justiça social e as próximas estratégias que precisam ser colocadas em prática.

As redes devem fazer parte desse processo propiciando a aceleração dessas discussões dentro dos ambientes escolares, mas sempre sendo filtradas a partir do conhecimento crítico, fazendo a interseccionalidade das narrativas de classe, raça e gênero extraídas das realidades de seus próprios estudantes. Colaborando para o feitiço de pontes que nos impulsionam a buscar novos caminhos, que nos encaminhem para superação de tais problemáticas, ou minimizem as mesmas.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Indústria Cultural e sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ARENDT, Hannah. **As Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BRASIL. CENTRO REGIONAL DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO. **Pesquisa TIC Domicílios 2019**: principais resultados. 2019.

BOCCATO, V. R. C. **Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação.** Revista Odontol. Univ. Cidade São Paulo, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006.

CARVALHO, L. G. G. C. de. **Direito à informação e liberdade de expressão.** São Paulo: Editoras. Com, 1999.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CONGRESSO GALEGO-PORTUGUÊS DE GEOGRAFIA. **Por uma nova Geografia.** Portugal, p.179, 2001.

DAVIS, Angela. **A liberdade é uma luta constante.** São Paulo, ed°3, p.27, 2015.

DIAMOND. Jared. **Armas, germes e aço.** Rio de Janeiro; São Paulo: Editora Record, p.103, 2000.

EXAME. Temos mais dados do que nunca. Como usá-los a nosso favor? São Paulo, ed. Redação, 2021. Disponível em: <<https://exame.com/carreira/dados-uso-favor/>> Acesso em: 22 de março de 2023.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** 58. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992, p.245.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. **Por uma pedagogia da pergunta.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder.** Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão.** 37 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

HALL, Stuart. **Quem precisa da identidade? Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis: Vozes, 2000, p. 103-133.

HEBDIGE, Dick. **Subcultura: El significado del estilo.** Tradução: Carles Roche. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica S.A. 2004.

HODGES, C. (et al). **The Difference Between Emergency Remote Teaching and Online Learning.** Educause Review, 2020.

LIMA, Licínio C. **Organização Escolar e Democracia Radical: Paulo Freire e a Governação Democrática da Escola Pública.** São Paulo: Cortez Editora, 2016.

LEAL, Wellthon. **A construção das identidades dos Homossexuais Masculinos a partir do Consumo das Divas Pop.** Dissertação, UFPE, Recife, 2017.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Ed. 34, 1999.

LEMOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea.** 8. ed. Porto Alegre: Sulina, 2020.

NUNES, Cláudia. **Avaliação da aprendizagem no ensino online: Em busca de novas práticas.** São Paulo: Edições Loyola, fevereiro de 2006, p. 1-201.

MACEDO, R. M. **Escolhas possíveis: narrativas de classe e gênero no ensino superior privado.** Tese (doutorado em Antropologia Social). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

MACEDO, R. M. **Políticas educacionais e a questão do acesso ao ensino superior: notas sobre a deseducação.** Cadernos de Campo (São Paulo-1991), v. 28, n. 2, p. 26-31, 2019.

MATTOS, Amana R. **Para pensar a cisheteronormatividade na psicologia.** Revista Periódicos. Rio de Janeiro, 2020.

MOREIRA, M. A. Mapas conceituais e aprendizagem significativa. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2012.

PEREIRA, Severino; AYROSA, Eduardo. **Corpos consumidos: cultura de consumo gay carioca. Organ. Soc.** Salvador, v.19, n.61, p.67, junho de 2012.

PARREIRAS, Carolina, MACEDO, Renata. **Desigualdades digitais e educação: breves inquietações pandêmicas: Cientistas sociais e o coronavírus.** Florianópolis: Tribo da Ilha, p. 485-500, março, 2020.

SANTOS, Lúvia Pessanha Boeschstein. **Eu nasci assim: Uma análise subcultural da cultura de fãs de Lady Gaga e Beyoncé no Rio de Janeiro.** Dissertação defendida no Programa de Pós- Graduação em Comunicação da PUC-Rio, 2017.

TURNER, Victor W. **O Processo Ritual: estrutura e anti-estrutura.** Petrópolis, Vozes, 1974.

VELLOSO, Luciana; THIAGO, Ana; SILVA, Karoline. **Práticas Docentes na Cibercultura e o Esperançar de Professoras na Pandemia; Possibilidades Educativas Para Tornar o Inédito Viável. Revista Docência e Cibercultura** Rio de Janeiro. v.5, n. 3, p. 152-174, dezembro, 2021.

TEMER, Luciana. Violência Sexual infantil, os dados estão aqui para quem quiser ver. **Anuário de Segurança Pública**, p. 4-11, junho, 2022.

WILLIAMS, Raymond. **Culture is Ordinary in Resources of Hope: Culture, Democracy and Socialism.** Londres, 1968.